



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**AURENIVIA FREIRE SOARES**

**LEITURAS HISTORIOGRÁFICAS SOBRE O NORDESTE E OS SIGNIFICADOS  
DO PENSAMENTO DE ARIANO SUASSUNA NA CULTURA NORDESTINA**

**GUARABIRA – PB  
2020**

**AURENIVIA FREIRE SOARES**

**LEITURAS HISTORIOGRÁFICAS SOBRE O NORDESTE E OS SIGNIFICADOS  
DO PENSAMENTO DE ARIANO SUASSUNA NA CULTURA NORDESTINA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Joedna Reis de Meneses

**GUARABIRA – PB  
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

T693I Torres, Aurenivia Freire Soares.

Leituras historiográficas sobre o Nordeste e os significados do pensamento de Ariano Suassuna na cultura nordestina [manuscrito] / Aurenivia Freire Soares Torres. - 2020.

20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2020.

"Orientação : Profa. Dra. Joedna Reis de Meneses , Coordenação do Curso de História - CH."

1. Regionalismo. 2. Nordeste. 3. Historiografia. I. Título

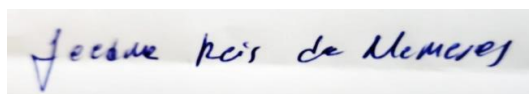
21. ed. CDD 907.2

**LEITURAS HISTORIOGRÁFICAS SOBRE O NORDESTE E OS SIGNIFICADOS  
DO PENSAMENTO DE ARIANO SUASSUNA NA CULTURA NORDESTINA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento do Curso de História  
da Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de Licenciada  
em História.

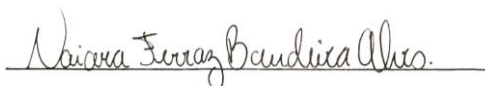
Aprovada em: 20/11/2020.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Joedna Reis de Meneses (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Naiara Ferraz Bandeira Alves  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edna Maria Nóbrega Araújo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico a minha Mãe e a minha filha, por todo amor e confiança que dedicaram a mim, por serem meu alicerce em minha vida, e com carinho e paciência me deram forças para continuar a Graduação, DEDICO.

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2. ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA DA OBRA “A INVENÇÃO DO NORDESTE E OUTRAS ARTES” DE DURVAL MUNIZ ALBUQUERQUE JÚNIOR .....</b>	<b>8</b>
<b>3. REGISTROS DA HISTORIOGRAFIA SOBRE O NORDESTE .....</b>	<b>10</b>
<b>4 ARIANO SUASSUNA E SEUS OLHARES PARA O NORDESTE .....</b>	<b>11</b>
<b>5.CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>15</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>16</b>

**LEITURAS HISTORIOGRÁFICAS SOBRE O NORDESTE E O SIGNIFICADO  
DA CULTURA NORDESTINA NO PENSAMENTO DE ARIANO SUASSUNA**

**HISTORIOGRAPHIC READINGS ABOUT THE NORTHEAST AND THE  
MEANING OF NORTHEAST CUTURE IN THE THOUGHT OF ARIANO  
SUASSUNA**

SOARES, AURENIVIA FREIRE

**RESUMO**

Este trabalho tem por finalidade demonstrar, principalmente, duas opiniões diferenciadas e críticas sobre a visão do nordeste, um pelo saudoso escritor, dramaturgo Ariano Suassuna e outra destacada pelos olhares de Durval Muniz de Albuquerque Jr. bem como de outros autores que buscaram estudar o tema chamado Nordeste. Os objetivos específicos desta pesquisa se prenderam a análise da visão de Ariano Suassuna sobre o Nordeste e suas particularidades. Buscou-se, também, apresentar a visão de Durval Júnior com relação ao Nordeste a criticidade presente em suas obras, expondo pensamentos e visões de alguns escritores renomados sobre o Nordeste. A metodologia usada nesta pesquisa foi a da análise do pensamento dos autores tendo como objetivo trazer uma revisão atualizada do tema estudado. Ao final do estudo pretende-se ter um panorama do contraste presente em opiniões importantes, mas, diferenciadas que nos leva a rever alguns conceitos, nos leva a repensar dicotomias e despertar nosso senso de criticidade e pensamentos acerca do lugar chamado Nordeste.

**Palavras-chave: Regionalismo; Nordeste; Historiografia.**

**ABSTRACT**

This work aims to demonstrate, mainly, two different and critical opinions about the vision of the Northeast, one by the late writer, playwright Ariano Suassuna and another highlighted by the looks of Durval Muniz de Albuquerque Jr. as well as other authors who sought to study the theme called Nordete. The specific objectives of this research were linked to the analysis of Ariano Suassuna's vision of the Northeast and its particularities. We also sought to present Durval Júnior's vision regarding the Northeast to the criticality present in his works, exposing some thoughts and views of some renowned writers about the Northeast. The methodology used in this research was the analysis of the authors' thoughts aiming to bring an updated review of the studied topic. At the end of the study, it is intended to have an overview of the contrast present in important opinions, but, differentiated, it leads us to review some concepts, it leads us to rethink dichotomies and awaken our sense of criticality and thoughts about the place called Nordeste.

**Keywords: Regionalism; Northeast; Historiography.**

## INTRODUÇÃO

Falar sobre o Nordeste, sobre a forte identidade que essa região brasileira representa é algo complexo e que nos leva a construir e desconstruir conceitos acerca da diversidade representativa de uma população marcada pelos signos do preconceito e da falta de informações concretas. Quando falamos da historiografia brasileira ou das obras escritas sobre o Nordeste, percebemos que, nas últimas décadas do século XX, houve uma procura pela desmistificação do Nordeste como lugar apenas da seca e da pobreza. A historiografia recente critica a construção da imagem do Nordeste e do sujeito nordestino a partir de alguns estereótipos que foram (re)produzidos nos últimos tempos, principalmente através de meios audiovisuais ou literários, onde a identificação de personagens tipicamente nordestinos fica bem fácil, seja pelo sotaque carregado ou pelo aspecto sofrido com uma religiosidade aflorada e marcante. E nas filmografias que retratam o Nordeste, certamente Ariano Suassuna está presente em grande parte delas. Mas, para Ariano, brincar com as palavras, com o teatro e com a cultura nordestina nos seus textos não é se apropriar de um Nordeste acanhado e “jegue”, o Nordeste para Ariano é visto como produtor de uma cultura rica e suas análises assinalam um verdadeiro orgulho ao falar do potencial e do valor da cultura e do folclore nordestino.

No entanto, a partir de algumas dessas produções cinematográficas e literárias, parte da população construiu uma imagem que passou a representar ou até mesmo inventar o nordestino. Desse modo J. Sousa e A. Sousa (2017, p. 04) dizem que “suas falas, feições e traquejos são postos e tomados como se lhes pertencessem; o cinema refere-se, assim, a um sistema simbólico que está efetivamente envolvido nos processos de representações dessas identidades”.

Este trabalho tem como objetivo estudar a visão do Nordeste de maneiras diferentes, aos olhos de Ariano Suassuna e de outros estudiosos renomados como Durval Muniz de Albuquerque Jr. Os objetivos específicos desta pesquisa são: analisar a visão de Ariano Suassuna sobre o Nordeste e suas particularidades; apresentar a visão de Durval Júnior com relação ao Nordeste a criticidade presente em suas obras; expor alguns pensamentos e visões de escritores renomados sobre o Nordeste e relatar alguns aspectos da representação nordestina.

O contraste presente em opiniões importantes, mas, diferenciadas nos leva a rever alguns conceitos. Nos leva, também, a repensar dicotomias e despertar nosso senso de criticidade e pensamentos acerca do lugar em que vivemos. Qual o nordeste de fato que existe? As imagens muitas vezes veiculadas de um povo sofrido é a imagem preponderante e que marca a identidade de nosso povo?

Justifica-se a escolha desta temática a partir dos anseios de estudar um pouco a história do Nordeste e a divisão de duas realidades antagônica que existe em discursos. Por um lado temos um discurso que mostra um Nordeste romantizado que mostra as famosas praias do litoral, a riqueza cultural e a riqueza das explorações das matas aqui existentes. Do outro lado temos uma construção imagética que mostra um Nordeste com uma realidade ligada às características climatológicas que muitas vezes estão associadas às desigualdades socioeconômicas em detrimento da falta de água, da seca que o nordestino enfrenta por dias longos de estiagem.



## 2- ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA DA OBRA “A INVENÇÃO DO NORDESTE E OUTRAS ARTES” DE DURVAL MUNIZ ALBUQUERQUE JÚNIOR

Durval Muniz de Albuquerque Júnior é professor visitante da Universidade Estadual da Paraíba e Professor dos programas de pós-graduação em História da UFRN e da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco). Mestre e doutor em História Social pela Unicamp. Autor de livros, capítulos de livros e artigos nas áreas de Teoria da História, História Cultural dos espaços e Estudos de Gênero. Pela Contexto é autor do livro *O Historiador e Suas Fontes*.<sup>1</sup>

No seu livro “A invenção do Nordeste e outras artes”, Durval Jr. nos convida a olhar o Nordeste através do conceito de invenção. Para o Durval Junior o Nordeste tem sido inventado através da ótica midiática presente em novelas, documentários, reportagens jornalísticas e, principalmente, programas de humor. De acordo com o autor citado, as imagens mostram pessoas engraçadas, que na maioria das vezes falam errado, usam maquiagem exagerada, com tiros e “peixeiradas” pra todo lado, representando um Nordeste pitoresco e cômico, gerando um certo desconforto nos moradores da região em questão e, que pode promover uma aceitação da marginalização do lugar frente a uma cruel estratégia de estereotipização (VASCONCELOS, 2006).

Ao analisar os vídeos, alguns presentes na plataforma do YouTube, e o livro de Durval Jr. “A invenção do Nordeste e outras artes”, percebe-se a diferença do Nordeste visto aos olhos de Ariano. Possui uma visão incomum e altamente crítica de regionalismo, cultura e Nordeste. Para Nazaré (2019, p. 143) o termo “regional” foi por muito tempo associado a provincianismo e inferioridade, em oposição à novidade e à modernidade, gerando bipolaridades, como campo-cidade, rural-urbano, atraso-avanço”. Durval diz que o Nordeste é uma construção imaginária e discursiva em grande medida conservadora e reacionária, pensado no início do século XX sobre nossa região e se contrapôs as transformações políticas e econômicas ao qual o país passava por conta do processo de modernização que o capitalismo e industrialismo traziam com o fim da escravidão (VENTURA, 2007). Relata também que o Nordeste surgiu com saudade de tudo do que conseguiu se libertar, parece ao mesmo tempo um lamento, uma retomada e que, portanto, por ser um conceito, pode ser recriado e redefinido.

A crítica nas obras de alguns autores, especialmente nas obras de Durval, remete ao fato das tentativas de trazer à cena os próprios nordestinos como atores de uma trama, vendo-os apenas como vítimas, como figuras criadas e compostas a partir de vozes que não pertencem a região, o que culminou na produção de um Nordeste carregado de estigmas morais, culturais, simbólicos e sexualizantes, advindos de um jogo de relações que envolve poder e saber, conflitos e acordos entre regiões antagônicas tais como Sul/Sudeste e Norte/Nordeste. Para Vasconcelos (2006, p. 08) “é, portanto, no discurso ambivalente das elites rejeitadas do Nordeste que, ao mesmo tempo, em que se exaltam, se deixam apresentar como pedintes, excluídos, marginais e miseráveis, vítimas da seca e da hostilidade da natureza”.

A história de criar e reformular o Nordeste foi de Gilberto Freyre, onde o mesmo tinha uma visão nostálgica e saudosista do mundo. Um Nordeste construído numa visão saudosista, de um mundo patriarcal, um mundo de casa grande e da senzala. O nordeste de Gilberto significa

---

1 Disponível em: <<https://www.editoracontexto.com.br/categoria/autores/d1/durval-muniz-de-albuquerque-junior#:~:text=Durval%20Muniz%20de%20Albuquerque%20J%C3%BAnior%20%C3%A9%20professor%20titular%20da%20UFRN,em%20Hist%C3%B3ria%20Social%20pela%20Unicamp.>> Acesso em 13 out. 2020.

para Durval, a saudade das elites senhoriais que nós vivemos até hoje. A falência da oligarquia agrária da época no Nordeste, veio com a crise dos códigos culturais da região, as necessidades das elites locais de se imporem ao crescimento político e econômico do Sudeste, o que se tornará o progresso “destruidor” para os mesmos, acarretou num embate de tradição X modernidade. As críticas de Durval Jr. são bem diretas e autênticas. Segundo Albuquerque Jr. (1999, p. 35) “o Nordeste é tomado, neste texto, como invenção, pela repetição regular de determinados enunciados, que são tidos como definidores do caráter da região e seu povo, que falam de sua verdade mais interior.”

Tal livro aborda, aos olhos desse historiador, que existe outro tipo de Nordeste, de regionalismo, tendo como Recife sua principal cidade e o mangue como seu movimento cultural e como principal difusor nos anos noventa. O autor desconstrói uma produção cultural e uma construção própria de um conceito para região, e que, não pode ser explicado apenas pela perspectiva política e econômica, mas sim, pelo seu percurso histórico, montado a partir de diferentes discursos que lhes dará inúmeras peculiaridades, símbolos culturais e morais. O mesmo sugere também, a desconstrução das identidades que foram atribuídas a região. De acordo com Nazaré (2019, p. 143) “O passado deixou rastros e todos os dias se produzem mais novidades sobre as ruínas que ele deixou. O agora se sobrepõe a esses vestígios, se imbricando com ele e estando em constante reconstrução”.

O intuito das obras de Durval, bem como suas críticas, não é tirar a importância de autores, tais como José Lins do Rêgo, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Américo de Almeida, Gilberto Freyre e Ariano Suassuna, quanto suas visões sobre o Nordeste, mas sim, traz ao cerne do debate as consequências das visões tradicionalistas e saudosistas não previstas nas obras de tais autores (SOUZA, 2011). Para Durval, o Nordeste é todo assentado na memória. O discurso da região é apoiado na memória, e a mesma é sinônimo de continuidade, é a tentativa de evitar as rupturas do tempo. Como todo o ser humano tem dificuldades de lidar com a mudança, com a ideia de fim e a História nos mostra que tudo morre, que tudo acaba. De acordo com Vasconcelos (2006, p. 08) “é claro notar que o estereótipo associado aos atributos negativos do rural, e a criação de estigmas como: tabaréu, violento, fanático, messiânico, incapaz, miserável... nasce da necessidade do Sul se afirmar como: educado, moderno, capaz, rico, produtivo, racional... pela diferença”.

Durval denuncia os mecanismos de negociação, que se paga um alto preço de uma forma particular de nascimento, que implica simultaneamente em aceitação e rejeição, em incorporação e exclusão. O livro de Durval é duplamente pioneiro: de um lado pelo tema que nos mostra e enuncia pela primeira, a problemática: “A invenção do Nordeste”, e por outro lado a produção historiográfica que nos propõe. De acordo com Souza (2011, p. 232) “as fronteiras espaciais imaginadas, pelos mais diversos atores do campo intelectual, mais ou menos próximos do seu polo elitizado, são o ponto de reflexão mais instigante do livro”. O que o livro nos mostra não é só um Nordeste e o nordestino discriminado ou marginalizado pela produção do país, ele investiga por que a mais de noventa anos, dizemos que somos discriminados com tanta seriedade e indignação. O Nordeste e o nordestino miserável, analfabeto visto pela mídia ou fora dela, são produtos de um desvio de fala, um desvio de poder sobre ele instituído. O próprio nordeste e o nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondentes. Não se combate à discriminação simplesmente tentando inverter a direção do discurso discriminatório. Segundo Vasconcelos (2006, p. 08) “é, portanto, no discurso ambivalente das elites rejeitadas do nordeste que, ao mesmo tempo, em que se exaltam, se deixam apresentar como pedintes, excluídos, marginais e miseráveis, vítimas da seca e da hostilidade da natureza”.

Para Durval, têm-se que reinventar, recriar e até dissolver esse Nordeste criado por Gilberto Freyre e demais personalidades, pela mídia, pois as reportagens feitas sobre o Nordeste, nunca são para mostrar algo novo ao seu respeito, mas para sempre reafirmar, a seca, a fome e a miséria. Por isso sim, dissolvê-lo, reinventá-lo e recriá-lo. No entanto, seria proveitoso aproveitar o ímpeto desconstrucionista das obras de Durval para expandir temas e materiais atuais de formulação da identidade nordestina e que a colocasse em diálogo com formas positivas e destrutivas das barreiras grupais que se registra no Brasil (SOUZA, 2011). Trata-se de um dilema para quem ousa analisar determinada nação ou região, é preciso lançar mão de pensar o que há em nome do dever ser.

### **3. REGISTROS DA HISTORIOGRAFIA SOBRE O NORDESTE.**

O Nordeste brasileiro é dividido por muitos nordestes, com diversos hábitos alimentares, de acordo com cada localidade; com linguajares simples de um homem vaqueiro do semiárido, trabalhador braçal de um plantio de cana ou do homem que mora na capital; com danças e folguedos diversos, que se estendem da Bahia com seu axé até o Maranhão com o bumba meu boi.

As obras literárias voltadas para o Nordeste geralmente apresentam uma região de contrastes com o foco voltado para o povo interiorano/sertanejo, mas claro que no Nordeste temos grandes centros com cidades de estrutura semelhantes às grandes metrópoles de outras regiões mais desenvolvidas, no entanto, grande parte da parcela do povo nordestino, sempre esteve atrelada ao estilo de vida dos sertões e do agreste, sendo natural que esse seja o panorama e enfoque de muitas narrativas (FORMIGA, 2019).

A maioria das obras dos autores nordestinos são carregadas de regionalismo, de um sentimento de valorização da cultura, tradições e costumes de certa região, no entanto, de acordo com Scoville (2011, p. 30-31) “essa intenção pode estar vinculada a motivações das mais variadas ordens, a interesses tanto particulares quanto públicos, tanto nobres quanto mesquinhos, tanto casuísticos quanto conjunturais”. Os autores literários românticos sempre buscaram em suas obras representar elementos especificamente voltados para o brasileirismo, com temas nacionais que acabaram por resultar em duas linhas temáticas: o indianismo e o regionalismo. Podemos citar alguns autores nordestinos que sempre seguiram essa linha em suas obras: José de Alencar, Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo, Jorge Amado, Raquel de Queiroz, Euclides da Cunha, Gilberto Freyre e muitos outros.

Na obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, a questão voltada para a seca e para a terra com uma narrativa repleta de personagens que sofrem em detrimento da seca, de falta de moradia e trabalho, mostrando que o problema da seca vai além da falta de chuvas (SCOVILLE, 2011). Com relação a obra de Euclides da Cunha, especialmente “Os sertões”, podemos contemplar uma gama de fenômenos que se entrecruzam, que se contradizem, fazendo com que a obra torne-se multifacetada com intermináveis categorizações e interpretações, sendo praticamente impossível classificar tal obra que possui diversos olhares, leituras e escrituras. No segundo capítulo de sua obra, “Os sertões”, Euclides enfatiza sua história de vida, e observa-se nesse capítulo a constituição de uma certa identidade com intuito de interpretar o Brasil, com pretensões de encontrar o sentido de nacionalidade (OLIVEIRA, 2017). Assim como Euclides, é possível reconhecer em obras de autores como Lima Barreto, Monteiro Lobato, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, o objetivo de se fazer conhecer o povo, seus costumes e suas problemáticas.

Nas obras de Jorge Amado, encontramos facilmente elementos que compõe o cenário do

estado da Bahia, com uma narrativa repleta de belezas naturais das praias, de um céu cheio de luz onde o sol resplandece o ano inteiro, com ruas, becos e ladeiras, espaços religiosos e sagrados, terreiros, igrejas que transformam o ambiente em algo exótico, misterioso que promovem a construção da memória. Dentro dessa construção que envolve a beleza, a magia, o exótico e o sagrado, Jorge Amado trouxe através da sua literatura, personagens para que povoassem esse espaço.

Nas obras amadianas, o homem baiano possui as mesmas características do espaço geográfico, sendo visto como um homem belo, forte, alegre, exótico e misterioso, fortalecendo a ideia de uma região com características identitárias que perpassam os aspectos históricos, culturais, geográficos, econômicos, dentre outros. É como se uma identidade cultural tivesse sido forjada especialmente para a Bahia, com diversos elementos já citados o que estabelecem a baianidade fortemente marcada pela sensualidade, ludicidade, mestiçagem, alegria e fogueira (ENCARNAÇÃO, 2009). Para Scoville (2011, p. 98) “é preciso reparar que, ao enfatizar a questão da terra, Jorge Amado praticamente a desvincula da seca (fenômeno climático), ou seja, ambas são causas das migrações e da miséria, porém a principal seria seguramente a primeira”. Logo se percebe que nas obras de Jorge Amado há uma preocupação de voltar-se mais para questões associadas às injustiças sociais.

Certamente ao abordarmos algumas obras literárias sobre o nordeste, nos deparamos sempre com o fenômeno seca, voltado para o naturalismo que enfatiza a tragicidade e complexidade trazida pelo tema e que apesar disso, em algumas obras observa-se o romantismo impregnado, o que dá outra conotação às literaturas das secas, nos trazendo uma configuração totalmente diferente. De acordo com Nascimento (2012, p. 40) “O Cangaceiro, de Lima Barreto, teve grande repercussão e serviu para fixar uma imagem do Nordeste distanciando o homem da cidade do homem do sertão, ou seja, imprimia no seu discurso uma distância entre o homem civilizado e o homem primitivo”.

Na obra de Rachel de Queiroz, especialmente em *O Quinze*, obra essa repleta de regionalismo e simbolismos marcados pelo modernismo, nos traz sensibilização quanto a construção do imaginário do Nordeste pela sociedade brasileira, e nos traz ao mesmo tempo a essência do homem nordestino, obrigado a sair de seu lugar, obrigado a abandonar suas origens para poder sobreviver. Tal obra traz uma visão importante voltada para o Nordeste, e aponta para o fenômeno da seca como um problema não apenas referente somente ao aspecto climático, mas também, pela ineficiência do estado em amenizar os efeitos desastrosos da seca na vida das pessoas, como se houvesse interesse em explorar as consequências da seca, mas não há o interesse em se resolver tal problemática, logo, não há a intenção de construção de barragens, açudes, deixando os famintos da seca sem nenhuma segurança, habitação digna e expostos a doenças e miséria (ARAÚJO; ANSELMO, 2009).

#### **4 ARIANO SUASSUNA E SEUS OLHARES PARA O NORDESTE**

Nascido em Paraíba, atual João Pessoa, no dia 16 de junho de 1927, filho de João Urbano Pessoa de Vasconcellos Suassuna e Rita de Cássia Dantas Villa, Ariano Suassuna era o oitavo dos nove filhos do casal. Oriundo de uma família tradicional de políticos, na época de seu nascimento, seu pai João Suassuna era presidente da província da Paraíba. Cresceu em um contexto de muitas histórias políticas, inclusive de desavenças. “Ainda na infância mudou-se para a cidade de Taperoá no cariri paraibano, onde viveu por alguns anos com sua mãe e seus irmãos”

(OLIVEIRA; ARAGÃO, 2018).

De acordo com Mongelli (2017, p. 20-21):

Ao que consta, com o Romance da Pedra do Reino o romancista estaria buscando reconstituir a saga de sua família, políticos influentes (à época de seu nascimento, seu pai, Dr. João Suassuna, era “presidente” da Paraíba), ligados, direta ou indiretamente, à Revolução de 1930, que culminou por conduzir Getúlio Vargas ao poder.<sup>11</sup> Em meio a violentos episódios, que incluem o assassinato de João Pessoa (em 26 de julho de 1930)<sup>12</sup> no Recife, por um primo de D. Rita Suassuna Villar, mãe de Ariano,<sup>13</sup> o pai do artista acaba por ser também morto, à traição e a tiros, no Rio de Janeiro, em 9 de outubro de 1930. Daí começa a “desventura”<sup>14</sup> do clã: mãe e nove filhos são obrigados a constantes deslocamentos e à venda de bens, fixando-se então no Recife.

As narrativas recheadas de humor e sua visão do Nordeste do dramaturgo, romancista, ensaísta, poeta, escritor e professor brasileiro, Ariano Suassuna vem cheias de tradição, regionalismo, cultura e Histórias de um povo sofrido, forte, destemido e cheio de raízes. Foi um preeminente defensor da cultura do Nordeste do Brasil. Segundo Machado (2019, p. 06) “a obra literária de Ariano Suassuna foi tecida a partir das tradições populares do Nordeste e da dramaturgia universal, em autores como Molière, em O Avarento; Plauto, em Aulularia; Goethe, em Fausto; Cervantes, em Dom Quixote de La Mancha e tantos outros”.

Tornou-se comum nas últimas décadas escutarmos a expressão de que Ariano Suassuna em vida não mais realizava aulas, palestras ou conferências, mas o que um dos mais notáveis escritor, dramaturgo e poeta realizava por onde passava era um verdadeiro show, dentro daquilo que se promovia fazer. A essência nordestina que sempre fez questão de carregar na alma fez de Ariano o mais autêntico dos nordestinos na verdadeira acepção da palavra, pois não falava do Nordeste apenas com orgulho, falava com prazer.

A partir de suas obras, principalmente de suas peças escritas entre 1947 e 1960, Ariano caracteriza-se como uma espécie de “tradutor do Nordeste”, e nessa tradução, o dramaturgo traz à tona uma série de elementos aos quais atribui-se o “jeitinho brasileiro” de ser para comporem noções ligadas a “cultura popular” e “identidade nacional” que é tão forte e marcante em nosso meio. Ariano consegue em suas obras trazer a construção da sua memória familiar, como na construção de um teatro que precisa ter a nossa cara, a cara do Brasil (DIMITROV, 2006). Não é à toa que os textos de Ariano se tornaram, no decorrer do tempo fenômeno na internet, a eloquência disfarçada de simplicidade com a qual nos apresenta as mais inusitadas situações do cotidiano, faz com que suas peculiaridades estereotipadas ao longo do tempo, continua sendo seu principal cartão de apresentação.

Nos saudando sempre com belas histórias, temos sempre a impressão de estarmos vivendo momentaneamente tudo aquilo que o mesmo traduz mediante a sua retórica. É isso que acontece quando o mesmo relata um fato ocorrido em um jantar de gala (coisa que ele abominava), onde na oportunidade a socialite que oferecia o jantar, a todos(as) que cumprimentava, deixava claro seu fanatismo pela Disneylândia, não perdendo a oportunidade, o mestre Ariano faz uma observação que tornou-se famosa: “Acredito que essa mulher divide a humanidade entre quem conhece e não conhece a Disney!”

Suassuna abominava estrangeirismos, e seu culto à cultura nordestina era tão profunda que se recusava mediante a entrada de outras culturas na nossa. Para Paula (2016, p. 33) “enquanto o mundo se encaminhava para uma cultura globalizada e transnacional, o dramaturgo reafirmava cada vez mais o radicalismo de sua posição em favor de uma cultura nacional livre da dominação da indústria cultural”. O pensamento de Suassuna se assemelha ao pensamento de

outros autores que também enxergam a cultura popular como se a mesma fosse um conjunto de objetos, técnicas e concepções ligadas a religiosidade e à estética, mais voltadas para o tradicionalismo (SILVA; CARDOSO, 2015).

Para Suassuna a cultura popular era sinônimo de tradição viva, ligada a uma literatura erudita genuinamente brasileira. Partindo desse pressuposto, todos elementos encontrados nas narrativas, na poesia dos cantadores, os contos, os folhetos de cordel, os espetáculos populares como um todo, ratificam e culminam no repertório original das nossas raízes. (SILVA; CARDOSO, 2015). Apaixonado pela literatura de cordel, selecionou três para criar uma das suas maiores obras, “O auto da compadecida”. O primeiro cordel foi o enterro do cachorro, o segundo o cavalo que defecava dinheiro e o último, o castigo da soberba, e assim, baseando-se nesses cordéis deu-se início a brilhante estória de Chicó e João Grilo (MACHADO, 2019).

Ariano sempre esteve envolvido de modo particular com a cultura, e em 1970 criou “o Movimento Armorial, cujo objetivo era criar uma arte erudita a partir dos elementos da cultura popular do Nordeste e abrangia todas as formas de expressões artísticas, como música, dança, literatura, tapeçaria, artes plásticas, teatro, cinema, arquitetura, etc.” (MACHADO, 2019, p. 10), no entanto, vale salientar que o foco de Ariano não somente a cultura nordestina, mas a cultura brasileira como um todo, e esta sempre era falada por ele, a arte popular brasileira sempre em evidência (FAJER, 2017). De acordo com Bezerra (2013, p. 86) “Suassuna cria o Movimento Armorial e estimula como gestor cultural a ação do Estado em prol de um ideal de arte pretensamente erudita inspirada em raízes populares”.

Ariano foi resistente a um tempo em que tudo era engolido por outras culturas modernas e que deixava tudo para trás, fato tão bem citado na obra de José Lins do Rego, Fogo Morto, que tão bem retrata a temporalidade numa narrativa que traz o esfacelamento de uma sociedade patriarcal, onde as mulheres ameaçavam a ameaçar os padrões tradicionais e os coronéis já não estavam tão mais no comando e teriam que se adequar aos novos parâmetros de governo do Estado, tudo parecia sumir no ar (OLIVEIRA, 2015). As obras de Suassuna nos remete a um Nordeste folclórico, cheio de tons e cores, que correspondem a criações de poemas, de canções populares, de danças, e desde suas primeiras experiências no Teatro do Estudante de Pernambuco, até a criação do Movimento Armorial, Ariano já trazia em sua mente inventiva a criação de uma visão peculiar sobre o sertanejo, sobre o nordestino em suas obras. Dramaturgo, autor e romancista, Ariano dentro do contexto de complexas mudanças no Brasil, passa a lutar contra o elemento moderno, negando-se a aceitar o fim do sertão de sua infância, de acordo com Oliveira (2015, p. 99) “ele luta pela ‘eternização’ de Taperoá (cidade onde passou uma parte de sua infância e está presente como cenário principal de suas peças e romance). Ariano luta contra o tempo, pretende pará-lo, congelá-lo em meio as tradições e costumes sertanejos”.

O Nordeste apresentado por Ariano em suas obras, nos remete a características culturais de modo relevante, com enredos que mostram a nossa religiosidade, crenças e o regionalismo como marca da identidade nordestina. Em suas obras, em suas falas, Ariano deixa claro e expõe a cultura popular do homem nordestino, abordando assuntos universais de figuras populares, que mostra nossa realidade composta por um povo oprimido, seja por aspectos climáticos ou sociais, mas sempre com muito humor e com muita sabedoria para saber lidar sobre a realidade que circunda o homem nordestino (SILVA; CARDOSO, 2015). Assim, com essa visão crítica e bem-humorada, ele passou a ser considerado uma lenda, sem “papas” na língua, nascido na Paraíba, depois escolhendo Pernambuco para sua morada, constatando assim o amor pela nordestinidade tão latentes que esses estados vizinhos possuem. Ariano é cidadão Nordestinense com certeza, um orgulho para todo Brasil, mas, acima de tudo é um patrimônio mundial.

Ariano foi além da liturgia e da dramaturgia, sendo um pensador sensível a um Brasil, a

um Nordeste com peculiaridades nem sempre visíveis na identidade nacional, apesar de secretário municipal de Educação e Cultura de Recife e Secretário Estadual de Cultura do Pernambuco, se preocupava em mostrar a cultura nacional, enfatizando que a cultura do país é muito mais forte, rica e original do que se normalmente imagina. De um modo muito intenso, Ariano sempre foi um fiel protetor da cultura nacional, da indústria cultural e urbana. Para Oliveira (2015, p. 99) “o espaço que ele [autor] busca sagrar, catalogar e preservar é o sertão. O sertão que para ele tinha que ser escrito com “S” maiúsculo, para conotar grandeza, importância e o devido valor dado por ele a região”. Segundo Bezerra (2013) Suassuna traz uma idealização de tonalidade romântica para a arte popular, fruto de um olhar externo estético e ao mesmo tempo político que se aglutina numa tradição intelectual brasileira que pensa as culturas populares pelo viés do Romantismo e do Nacionalismo.

Certamente esse sertão épico e sagrado não é criação de Ariano Suassuna, apesar dele empunhar e segurar essa bandeira, no entanto, podemos encontrar dentre as fontes literárias em que Ariano bebia, entre as diversas leituras que realizou a obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, que provavelmente foi a obra que mais tenha lhe marcado e influenciado. Sob afirmação do próprio autor, percebe-se de fato a grande influência que Euclides exerceu sobre Ariano, e nas palavras do próprio reconhece que é a linhagem dele que sempre procurou seguir. “O modo de vida tradicional vivenciado pelo sertanejo era, na visão de alguns intelectuais, o oposto ao modo de vida das cidades, cheio de influências externas e modismos, que descaracterizavam a cultura nacional” (PAULA, 2016, P. 36). Sobre Freyre e Suassuna, o autor Bezerra (2013, p. 85) versa da seguinte forma: “em oposição a valores dominantes na sociedade burguesa, esses autores garimpam no passado elementos para a construção de uma identidade regional que é, ao mesmo tempo, revelada para o restante do país como cerne da identidade da nação”

Em suas obras é possível perceber a necessidade que Ariano Suassuna tinha de tentar solucionar, dentro de sua simbologia, os impasses que ele identifica como relevantes no mundo em sua volta, trazendo a tona um discurso nacionalista na arte, com discursos que dialogam e convergem com autores tais como Mário de Andrade e Gilberto Freyre, um com uma fala modernista e o outro com o regionalismo tradicionalista, unindo, através de uma ótica particular, traços dessas duas vertentes de pensamento que o precedem. Ariano, as vezes questionado, mas muito coerente dentro da construção de sua unidade interna, com um ideal que se materializa não somente na arte, mas dentro da política cultural, sustentado pela tradição intelectual que pena o Brasil de modo mais nacional e popular (BEZERRA, 2013).

Os discursos tradicionalistas e imagens que historicamente dão visibilidade ao Nordeste produzido na literatura, na música popular, na dança, no teatro, no cinema, e na própria televisão, acabam por suscitar outras opiniões e críticas acerca das obras de Ariano, críticas essas, feitas pelo historiador Durval Júnior que sob sua ótica tais obras assim que se tornaram televisivas, assumiram um teor mercadológico que se adequa a ao gosto da elite cultural formadora de opinião, com o intuito de valorizar e publicizar a imagem com a marca da Rede Globo de Televisão, de um Nordeste recheado de mitos ancestrais, expressões artísticas populares como objeto de fetiche para setores urbanos elitizados.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se fala de Nordeste, muitas vezes as imagens evocadas não evidenciam a pluralidade e diversidade de significados que foram construídos no entorno dessa região. Falar em Nordeste, muitos associam a imagem diretamente à seca, à pobreza, violência, messianismo, dentre outros. No entanto, em contraste com as problemáticas oriundas da seca, para muitos vem a lembrança de um Nordeste de lindas praias, de belas paisagens, do forte turismo, da exuberância natural, enfim, abundância e prazeres. Decerto há uma ambivalência que envolve a região Nordeste.

Ariano Suassuna é considerado um dos principais nomes da literatura, da dramaturgia e da teledramaturgia contemporânea dentro da tradição letrada originalmente nordestino com acentuado romantismo. Dentro de sua história pessoal genuinamente expressa em suas obras, naturalmente em artigos, entrevistas e em aparições públicas tais como conferências e palestras, onde é possível observar as marcas tradicionais do narrador repletas de elementos que reforçam seu papel estratégico de grande defensor da tradicionalidade da cultura nordestina. É nas obras de Suassuna que é possível encontrar um Nordeste folclórico, cheio de cores, que traduzem sentimentos e regionalismos, um Nordeste que mesmo em meio a sofrimento, dor e miséria causada pela seca e tantas disparidades existentes, consegue manter o humor e a tradicionalismo de suas raízes, de sua fé e de suas crenças.

Com humor Ariano também demonstrou a força da cultura e do folclore nordestino sem estar subjugado a leitura que a mídia, as novelas e os olhares preconceituosos lançam para a região chamada de Nordeste.

No entanto, há outros autores que possuem outra visão acerca do estereótipo nordestino, que não vem com tanto romantismo, mas tece uma crítica a insistência de alguns autores em trazer para o protagonismo, nordestinos que aparecem como atores de uma trama, sendo vistos como figuras criadas e compostas a partir de vozes que não pertencem ao Nordeste, o que por consequência trouxe um Nordeste repleto de estigmas morais, culturais, simbólicos e sexualizantes, dentro de um jogo de relações que envolve poder e saber, conflitos e acordos entre regiões antagônicas tais como Sul/Sudeste e Norte/Nordeste.

Dentro da diversa gama de autores que trazem em suas obras menções a representatividade nordestina, há os autores que são carregadas de regionalismo, de um sentimento de valorização da cultura, tradições e costumes de certa região, que ainda apresentam o Nordeste como uma região de contrastes com o foco voltado para o povo interiorano/sertanejo, mas claro que no Nordeste temos grandes centros com cidades de estrutura semelhantes às grandes metrópoles de outras regiões mais desenvolvidas, no entanto, grande parte da parcela do povo nordestino, sempre esteve atrelada ao estilo de vida dos sertões e do agreste, sendo natural que esse seja o panorama seja focado em muitas narrativas.

Espera-se que este artigo suscite o interesse para que haja mais debates e discussões acerca dessa temática que envolve as diversas visões existentes sobre o Nordeste.



## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

ARAÚJO, Kárita de Fátima; ANSELMO, Rita de Cássia Martins de Souza. **1915: a seca e o sertão sob o olhar de Raquel de Queiroz**. Revista Estudos Historicos – CDHRP, n. 3, 2009. Disponível em: <[http://www.estudioshistoricos.org/edicion\\_3/araujo-martins.pdf](http://www.estudioshistoricos.org/edicion_3/araujo-martins.pdf)> Acesso em 14 out. 2020.

BEZERRA, Amilcar Almeida. **(Re)inventando o autêntico: arte, política e mídia na trajetória intelectual de Ariano Suassuna**. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidade Federal Fluminense – UFF, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Niterói – RJ, 2013. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/13316/1/AMILCAR%20ALMEIDA%20BEZERRA.pdf>> Acesso em 13 out. 2020.

DIMITROV, Eduardo. **O Brasil dos espertos: uma análise da construção social de Ariano Suassuna como “criador e criatura”**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de São Paulo – USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, São Paulo – SP, 2006. Disponível em: <[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-01102007-143308/publico/DISSERTACAO\\_EDUARDO\\_DIMITROV.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-01102007-143308/publico/DISSERTACAO_EDUARDO_DIMITROV.pdf)> Acesso em 10 out. 2020.

ENCARNAÇÃO, Elisângela Sales. **A Bahia Inventada: uma discussão acerca do poder da literatura e d’outras artes em forjar identidades**. In: XXV Simpósio Nacional de História – ANPUH, Fortaleza -CE, 2009. Disponível em: <[https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/201901/1548772192\\_19ff2dc84be769223b77f8f13bf6d433.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/201901/1548772192_19ff2dc84be769223b77f8f13bf6d433.pdf)> Acesso em 14 out. 2020.

FAJER, Roberta Fernandes. **Diário de Campo: os bastidores de uma pesquisa sobre Ariano Suassuna**. Porto Alegre: Edição do autor, 2017. 83 p. Disponível em: <<http://repositorio.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/1289/1/ROBERTA%20FERNANDES%20FAJER.pdf>> Acesso em 10 out. 2020.

FORMIGA, Cicleide Alves da Nóbrega. **Mutações nas representações poéticas do Nordeste brasileiro: aproximações e recuos entre a poesia de João Cabral e Bráulio Bessa**. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC (Licenciatura em Letras), Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Paraíba, Sousa – PB, 2019. Disponível em: <[https://estudante.ifpb.edu.br/media/cursos/43/documentos/TCC\\_Cicleide\\_Alves.pdf](https://estudante.ifpb.edu.br/media/cursos/43/documentos/TCC_Cicleide_Alves.pdf)> Acesso em 14 out. 2020.

MACHADO, Aurea Maria Bezerra. **Ariano Suassuna: a escrita e a prática de um pensamento educacional no “Brasil real”**. In: 30º Simpósio Nacional de História – ANPUH, Recife – PE, 2019. Disponível em:

<[https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565307536\\_ARQUIVO\\_artigoCompleto-ANPUH-2019.pdf](https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565307536_ARQUIVO_artigoCompleto-ANPUH-2019.pdf)> Acesso em 01 out. 2020.

MONGELLI, Lênia Márcia. **Ariano Suassuna: “a legenda e o real são uma coisa só!”**. Teresa: Revista de Literatura Brasileira – USP, n. 18, São Paulo – SP, 2017. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/125797/138345>> Acesso em 10 out. 2020.

NASCIMENTO, Renato Alves do. **A paisagem narrativa do Nordeste e dos nordestinos nos filmes de Vladimir Carvalho**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana), Universidade de São Paulo – USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Pós-Graduação em Geografia, São Paulo – SP, 2012. Disponível

em: <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-11122012-091944/publico/2012\\_RenatoAlvesDoNascimento.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-11122012-091944/publico/2012_RenatoAlvesDoNascimento.pdf)> Acesso em 14 out. 2020.

NAZARÉ, Manuella Mirna Enéas de. **Construindo uma região: imagem e imaginário sobre o Nordeste brasileiro**. Revista InterFACES, v. 1, n. 29, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em:

<<https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/view/31495/17956>> Acesso em 13 out. 2020.

OLIVEIRA, Anderson Bruno da Silva. **A invenção do sertão no romance d’A Pedra do Reino**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH, Recife – PE, 2015. Disponível em:

<<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/16037/1/A%20inven%C3%A7%C3%A3o%20do%20sert%C3%A3o%20no%20romance%20d%27A%20Pedra%20do%20Reino.pdf>> Acesso em 10 out. 2020.

OLIVEIRA, Ângela Pereira da Silva. **Os sertões de Euclides da Cunha: uma (re)leitura estético-política da guerra de Canudos**. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de História, Uberlândia – MG, 2017. Disponível em:

<<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/22308/1/Sert%C3%B5esEuclidesCunha.pdf>> Acesso em 14 out. 2020.

OLIVEIRA, Uélida Dantas de; ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de Aragão. **O vocabulário regional do escritor Ariano Suassuna na obra Farsa da Boa Preguiça**. Revista A Cor das Letras, Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS Feira de Santana, v. 19, n. 2, p. 91-101, 2018. Disponível em:

<[http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53026/1/2018\\_art\\_udoliveiramssaragao.pdf](http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53026/1/2018_art_udoliveiramssaragao.pdf)> Acesso em 10 out. 2020.

PAULA, Keynny Lina Dala Bernardina de. **A aventura do reino encantado: a representação do sertão no romance D’A Pedra do Reino de Ariano Suassuna**. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de

Ciências Humanas e Naturais, Vitória – ES, 2016. Disponível em:

<[http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/9242/1/tese\\_9918\\_A%20AVENTURA%20DO%20REINO%20ENCANTADO20160711-182547.pdf](http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/9242/1/tese_9918_A%20AVENTURA%20DO%20REINO%20ENCANTADO20160711-182547.pdf)> Acesso em 10 out. 2020.

ROTHER, Edna Terezinha. **Revisão Sistemática X Revisão Narrativa**. Acta Paulista de Enfermagem, v. 2, n. 20, São Paulo, 2007. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/pdf/ape/v20n2/a01v20n2.pdf>> Acesso em 09 out. 2020.

SCOVILLE, André Luiz Martins Lopez de. **Literatura das secas: ficção e história**. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Paraná – UFPR, Programa de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Curitiba – PR, 2011. Disponível em:

<<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/26633/Andre%20Scoville%20-%20Tese%20Literatura%20das%20secas%20-%20versao%20final.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 14 out. 2020.

SILVA, Elen Karla Sousa da; CARDOSO, Sebastião Marques. **A tradição popular nordestina na obra Auto da Compadecida de Ariano Suassuna**. Revista Entrelaces, ano V, n. 6, 2015.

Disponível em:

<[http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23402/1/2015\\_art\\_eksilvasmcardoso.pdf](http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23402/1/2015_art_eksilvasmcardoso.pdf)> Acesso em 10 out. 2020.

SOUSA, João Eudes Portela de; SOUSA, Antonia Nilene Portela de. **Das reflexões imagéticas para retratar o Nordeste brasileiro: O Ceará de Cine Holliúdy**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba – PR, 2017. Disponível em:

<<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-3020-1.pdf>> Acesso em 15 out. 2020.

SOUZA, Candice Vidal e. **O Nordeste: algumas narrativas de lugares, gentes e modos de vida**. Revista História da Historiografia, n. 6, Ouro Preto, 2011. Disponível em:

<<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/227/184>> Acesso em 13 out. 2020.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **A construção da imagem do nordestino/sertanejo na constituição da identidade nacional**. In: II Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – ENECULT, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia- 2006. Disponível em:

<[http://www.cult.ufba.br/enecul2006/claudia\\_pereira\\_vasconcelos.pdf](http://www.cult.ufba.br/enecul2006/claudia_pereira_vasconcelos.pdf)> Acesso em 13 out. 2020.

VENTURA, Leonardo Carneiro. **Música dos espaços: paisagem sonora do Nordeste no Movimento Armorial**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Programa de Pós-Graduação em História, Natal – RN, 2007. Disponível em:

<<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/16995/1/LeonardoCV.pdf>> Acesso em 15 out. 2020.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me mantido firme durante toda minha caminhada. À professora Joedna Meneses, por toda dedicação, pelas leituras sugeridas, por ter nos apresentado o mundo e a História de uma forma sua e única, por sua confiança e disponibilidade.

A minha Mãe Silvia Freire, minha filha Maria Clara, pelo amor, carinho, dedicação e compreensão de sempre, por terem sempre buscado um meio de me ajudar, mesmo nos momentos mais difíceis pelos quais passei e ainda passo, mas, com coragem e dedicação.

Aos meus professores da alfabetização ao ensino médio, em especial a Maria do Rosário da Costa, Maria Estela Pessoa e Carlos Isaac Moreira, que construíram minha base, uma base firme e concreta que contribuíram de forma grandiosa para minha formação.

Aos funcionários da UEPB, de forma mais especial aos da coordenação de História, pela dedicação, por estarem sempre dispostos a nos ajudar, mesmo quando faltava o mínimo nos atendiam carinhosamente e profissionalmente.

As minhas amigas, Maria de Fátima Costa, pelo apoio diário e humano doado de coração, Elaine Caroline e Suellen Silva, colegas de cursos diferentes mas, sempre ali dividindo as dificuldades e as alegrias. A minha turma 2014.2, em especial a Rosilene Rodrigues, Luana Silva, Francisco Cunha, Manuele Ferreira, Laelson Barbosa e Antonio dos Santos, por sempre estarmos juntos, por terem me dado as mãos, pelas palavras de apoio, por não permitirem que eu desistisse diante tanta dificuldade, por serem cada um de uma forma diferenciada e especial me acrescentaram um exemplo, pelo companheirismo e pela determinação. Agradeço a Deus por ter me presenteado e posto em meus caminhos pessoas especiais, humildes e determinadas como vocês.

De um modo geral, só tenho a agradecer sempre por tudo de maravilhoso que fizeram em minha vida.